

NOTÍCIA DE UMA PESQUISA EM ÁFRICA

Yêda Pessoa de Castro

do Setor de Estudos Lingüísticos do C. E. A. O.

Em 1962, na cidade de Lagos, Capital da Nigéria, juntamente com o Prof. Guilherme de Souza Castro, então Leitor de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira na Universidade de Ifé (1), conhecemos os membros da «Brazilian Community», assim denominada por ser constituída em sua quase totalidade por descendentes de brasileiros, restando ainda agora um pouco mais de meia dúzia de brasileiros natos que retornaram à Nigéria nos fins do século passado (2).

«E tanto quanto os portugueses de outrora — diz Gilberto Freyre — os que, tendo enriquecido no Brasil, voltaram, novos-ricos a Portugal — foram, e ainda são êsses africanos desvirginados ou alterados na sua africanidade pela América Portuguesa — chamados «brasileiros». «Brasileiros» que, quando novos-ricos, levantaram em África casas um tanto arrevesadas — o barroco baiano levado a extremos — mas, nas linhas principais, quase sempre, das velhas casas portuguesas. Que levaram para a África o gosto pela farinha de mandioca, pelo doce de goiaba, por comidas brasileiras, por hábitos brasileiros. Que prolongaram na África devoções brasileiras como a de Nosso Senhor do Bonfim. Além de festas com cantigas e danças brasileiríssimas. Isto é, mestiças» (3).

E ainda, ajuntamos, a Língua Portuguesa do Brasil que chegou a ser, até mais da metade do século XIX, uma espécie de **língua franca** entre boa parte da população de Lagos, onde o Iorubá é a **língua geral** e o Inglês a **língua oficial**, determinando mesmo que as práticas religiosas, geralmente exercidas por missionários franceses e italianos, fôssem feitas em Português, para melhor edificação dos fiéis...

Convém esclarecer também ter sido a religião católica o meio mais eficiente de defesa com que contaram os expatriados brasileiros para evitar uma reabsorção pela cultura africana. Ao contrário, foram êles os responsáveis pela formação do pri-

meiro núcleo da Igreja Católica na Nigéria e pelos traços marcantes de influência brasileira que se observam não só em Lagos, mas espalhados por todo o resto do país, notadamente na arquitetura (4).

Com o etnólogo francês Pierre Verger fomos ao «Brazilian Quarter», onde conhecemos Mariana Ojelabi, baiana de Nazaré das Farinhas. E ela nos apresentou a seus irmãos Nicolau e Luíza; a Isabel, carioca; a Romana da Conceição e seu irmão Manuel, brasileiros de Recife; ao velho Jorge Borges da Silva, nigeriano filho de baiana; aos Rochas, aos Pereiras, aos Sosas... Todos ainda guardavam lembrança da Língua Portuguêsa e uns poucos falavam Português correntemente.

De imediato sentimos a necessidade de fazer um levantamento o quanto possível completo do vocabulário da Língua Portuguêsa que falava aquela gente, um Português evidentemente **arcaico**, pois a linguagem corrente nada mais era do que a linguagem do Português do Brasil de fins do século passado, conservada dentro de si mesma graças ao isolamento completo em que viviam até a nossa chegada, sem contato direto nenhum com o Brasil, antes mesmo de ser estabelecida uma embaixada brasileira na Nigéria (5).

Sabendo-se ser a língua um fato social, um instrumento de intercâmbio humano, como tal sujeita às modificações trazidas por influências externas, pelo contato, a falta deste, conseqüentemente, provoca um isolamento maior que condiciona uma vida arcaizante e uma linguagem mais conservadora (6). Acrescentando-se a isso que, depois do patacho **Aliança**, em 1889 (7), no qual viajaram Mariana Ojelabi, Romana da Conceição e respectivos irmãos, quase todos os contatos diretos entre Brasil e Nigéria se perderam por mais de meio século, compreende-se facilmente por que a Língua Portuguêsa de lá, transplantada do Brasil, não chegou a sofrer alterações apreciáveis, vindo a tornar-se assim uma fonte a mais de informações para os estudos comparativos de Folclore e Dialectologia Brasileira, em particular, que, como bem acentua Gladstone Chaves de Melo, tanto se ressentem da falta de informações obtidas através de pesquisas *in loco* (8).

Fazer o seu levantamento era uma tarefa urgente e necessária pelo fato não só de estarem paulatinamente desaparecendo os «brasileiros» natos, os que falam Português correntemente, como até perdendo as suas características de brasilidade em consequência de se acharem desde fins do último século em permanente interrelação com outras culturas. Mais ainda: tratava-se de uma pesquisa deslocada no tempo e no espaço, cujos resultados possivelmente viriam a interessar aos estudiosos de Cultura Brasileira.

Infelizmente a pesquisa, da qual também participou o Prof. Souza Castro, só pôde ser feita na Nigéria. Esperamos que um dia haja possibilidade de estendê-la ao resto da África Ociden-

tal onde existem comunidades brasileiras semelhantes à de Lagos (9), complementando, portanto, os dados já recolhidos.

Às entrevistas iniciais com os membros da «Brazilian Community», seguiu-se a aplicação do Questionário Lingüístico Experimental, esboço n. 3, do Laboratório de Fonética da Universidade da Bahia, cuja cópia nos fôra gentilmente cedida pelo seu organizador o Prof. Nelson Rossi (10).

Como havia condições de a pesquisa ir além do vocabulário «brasileiro» daquela gente, foram introduzidas no Questionário mais algumas perguntas com o objetivo de obterem-se também informações paralelas do *modus-vivendi* do Brasil de fins do século XIX. Uma pesquisa conseqüentemente lingüística e etnográfica.

Das 4.260 perguntas, distribuídas pelas quatro áreas semânticas de que se compõe o Questionário — I: TERRA; II: VEGETAIS; III: HOMEM BIOLÓGICO E SOCIAL; IV: PECUÁRIA — além de uma parte introdutória com dados sobre o informante (idade, filiação, local de nascimento, profissão, nível de instrução, data de saída do Brasil e de chegada à África, etc.) — obtivemos 2.983 respostas, algumas registradas em transcrição fonética (11).

Dos informantes selecionados, apenas dois foram inqueridos regularmente (12). O critério de escolha não pôde ser baseado na idade, desde quando todos tinham mais de sessenta anos, logo estariam dentro das condições exigidas para uma pesquisa dessa natureza, nem pelo grau de instrução, isto é, dando-se preferência aos analfabetos, pois ao nosso objetivo interessava também informações dos alfabetizados para ter-se melhor uma visão das diferenciações de linguagem dentro das classes humildes do Brasil do século passado. E todos vinham de classe humilde — doceiras, modistas, domésticas, marceneiros, carpinteiros, alfaiates, padeiros, etc. E em Lagos, na época recém-saída de anos consecutivos de guerras intertribais, já então sob o domínio de Sua Majestade Britânica, empenhada na reconstrução de uma cidade, nova colônia em África, essa gente recebeu todo o apoio dos ingleses e até gozou de grande prestígio entre os nativos diante da comprovação de os *agudá* (13) conhecerem «letras». Graças a isso houve uma sensível mudança na sociedade nativa de Lagos (14). Os «brasileiros» passaram a formar a burguesia intelectual da África Ocidental, e a Religião Católica arrebanhou novos fiéis dentre os africanos que viam como meio certo de ascensão social o fato de se tornarem *agudá*, isto é, católicos (15).

Restaram assim, Romana da Conceição e Mariana Ojelabi, as selecionadas para o inquérito e aplicação do Questionário.

Procediam de pontos diferentes do Brasil; chegaram a Lagos na mesma época; falavam Português correntemente; e conservavam uma consciência tão viva de brasilidade que diziam falar o Iorubá, aprendido em Lagos, como «gringos»! Mas a

«sua língua» falavam como autênticas brasileiras, com a preocupação constante, principalmente Romana, talvez por ter noção de «êrro» que lhe foi dada pela escola, de **falar certo**, isto é, sem deixar-se confundir pelo Iorubá ou pelo Inglês. Além disso tudo, eram mulheres, e, como sabemos, as mulheres representam a última linha de resistência da tradição (16).

Neta de africanos, **MARIANA DE CÂNCIO** nasceu no ano de 1872, em Nazaré das Farinhas, zona rural do interior baiano, de onde também eram seus pais. Aos 17 anos de idade deixou a Bahia acompanhando a avó numa viagem de passeio à Nigéria onde chegou em setembro de 1889, segundo ela mesma informou. Ali viveu até 13 de novembro de 1963, quando veio a falecer.

Em 1962, época da pesquisa, morava ela em Lagos, já viúva, com um menino a quem criara desde recém-nascido. Apesar dos seus oitenta anos, perfeitamente lúcidos aliás, vivia de criar galinhas para vender em uma feira nativa próxima a «Oke-Suna Street», no «Brazilian Quarter», o bairro dos «brasileiros», a alguns passos de onde residia Romana a quem conhecera a bordo do patacho **Aliança**, durante a viagem de volta à África. Nas horas vagas, «Tia» Maria, como nós a chamávamos, ainda se dedicava a «pegar menino» (partejar). Mal sabia assinar o nome, embora houvesse freqüentado, em Lagos, uma escola primária por dois anos. Deixou os estudos, segundo ela, para casar-se com um africano. Daí o sobrenome **OJELABI**.

ROMANA DA CONCEIÇÃO, «ricifiana», nasceu na Capital de Pernambuco em 1877. Neta de africanos e filha de pernambucanos, morou em Recife na antiga Rua dos Caldeireiros. Em 1887 mudou-se para a Bahia, onde viveu dois anos, durante os quais freqüentou uma escola primária em Salvador. Chegou a Lagos com a avó e os irmãos, a fim de visitar os parentes de África. E lá está «Tia» Romana até hoje, rodeada de filhos e netos. Reside em «Bangboshe Street» e vive de negociar numa vendola que ocupa uma sala de frente da sua casa. Em 1963 realizou o seu grande sonho: veio ao Brasil, a convite do Itamarati, graças ao trabalho de Antônio Carlos de Souza Tavares, então Encarregado de Negócios de Embaixada Brasileira na Nigéria.

Ambas nunca perdoaram às avós tê-las levado numa viagem de passeio da qual jamais regressariam.

Alarmadas com o grande número de mortes registadas durante a travessia de seis meses rumo à Nigéria, ao chegar a Lagos, as autoridades britânicas só permitiram o desembarque dos passageiros do patacho **Aliança** sob a condição de abandonarem a bordo todos os seus pertences, inclusive roupas (17). E assim não puderam voltar mais ao Brasil.

Em linhas gerais êsses são os dados biográficos das nossas informantes. O conhecimento prévio dos mesmos julgamos ser indispensável para melhor avaliar-se a autenticidade das informa-

ções obtidas que se acham registadas nos Questionários em nosso poder. Dentre elas, selecionamos apenas as três que se seguem para ilustrar este artigo, pretexto para darmos a notícia de um estudo mais detalhado do Português do Brasil ainda falado na Costa d'África.

1 — Para a pergunta n. 740, parte III do Questionário — **CICATRIZ** — em Maria ocorreu **caranguejo**, enquanto em Romana **ficha** (evidentemente por **fístula**) ao lado de **caranguejo**.

Dos dicionários consultados (18), só em Bluteau **caranguejo** figura como «apostemas, ulcerados, fistulas; câncer», coincidindo, pois, com as sinonímias dadas pelas informantes.

O fato de figurarem apenas em Bluteau, o mais antigo dicionário da língua (19), vem confirmar, portanto, tratar-se de dois **arcaísmos léxicos** possivelmente correntes na linguagem popular da Bahia no último século, lugar de onde procederam as informantes.

O haver Romana nascido em Pernambuco não afasta esta possibilidade se levarmos em consideração os dois anos de infância vividos na Bahia, período em que o seu vocabulário ainda em formação deve ter-se enriquecido substancialmente pelo falar baiano. E mais: a circunstância de em África ter ela estado sempre em contato direto com a «Brazilian Community», comunidade esta constituída em sua maioria de «brasileiros» nascidos na Bahia, ou «abaianados» (20), de cuja influência ela não pôde fugir pela razão evidente de encontrar-se em um grupo pequeno e isolado onde a interpenetração é fator atuante de nivelamento e conservantismo lingüístico (21).

Nossas considerações ficariam por aí se em **Aspectos do Léxico Regional da Bahia** (22), resultado de uma pesquisa no ano de 1958 em zonas rurais do interior do Estado da Bahia, não figurassem **caranguejo** e **fístula** como **CICATRIZ**, o segundo sem comentários, e o outro com a seguinte apreciação: «Poderia tratar-se de uma metáfora recente. Mas o fato de figurar em **Bluteau** leva-nos a admitir tratar-se de um arcaísmo léxico» (s/v. **caranguejo**, pág. 12).

Este fato novo vem comprovar a autenticidade do Português falado pela Comunidade Brasileira de Lagos, além de levar-nos à seguinte conclusão: **caranguejo** e **fístula** como sinônimos de **CICATRIZ** são **arcaísmos léxicos** correntes na linguagem popular da Bahia, mas que, no entanto, parecem ter sido banidos do uso urbano há muito, apesar de continuarem correntes ainda entre as populações rurais do interior baiano, zonas em que o isolamento condicionou os aspectos arcaizantes de vida, consequentemente, da língua também (23).

Comparando-se ainda as respostas, nota-se haver Maria respondido apenas **caranguejo**, enquanto em Romana esta metáfora só ocorreu depois da outra sinonímia — **ficha** —, respondida de pronto. Teria sido, então, esta palavra corrente também em

Pernambuco, onde nascera Romana, ou ela a teria ouvido na escola, daí a razão de não ocorrer em Maria que só veio a estudar já em África, em Inglês, portanto? Ou seria ainda **fístula** de uso corrente urbano na época, daí a razão de não haver ocorrido na informante procedente de zona rural, enquanto Romana viveu sempre nas Capitais?

2 — Depois do “Boi, boi da cara preta», o acalanto mais popular na Bahia é o «Menino Mandu», que se ouve com inúmeras variantes, uma das quais, por sinal das mais divulgadas, é exatamente a mesma cantada em África por «Tia» Maria:

«Su, su, su,
Menino mandu,
Quem te pariu
Que te dê caruru» (Parte III, à margem).

Fato talvez accidental, mas que nos parece bastante significativo neste caso, é o de haver a quadra ocorrido somente na informante procedente da Bahia e de ter-se encontrado documentada apenas por Herundino Leal, num livro sobre Santo Amaro da Purificação (24), e num trabalho de Hildegardes V.anna sobre acalantos, também na Bahia (25). Essa coincidência leva-nos a pensar na possibilidade de tratar-se de uma quadra antiga, mas popularizada na Bahia (26).

Não vamos, porém, aqui traçar a origem desse acalanto, desde quando a nossa atenção está voltada para a forma SU que se encontra repetida no primeiro verso.

No verbete **acalanto** do **Dicionário Brasileiro de Folclore** (27), lê-se: «Em quase todos os acalantos, o final adormecedor é uma sílaba que se canta com várias notas, á-á-á-á, ú-ú-ú-ú, o ru galaico ainda popular nas cantigas de berço portuguesas». A propósito, fomos buscar nos autos de Gil Vicente as formas **ro** e **ru**, tanto iniciais como finais, nos seguintes acalantos:

«Ro ro ro
nuestro Dios y Redemptor,
no lloréis, que dais dolor
a la Virgen que os parió
Ro ro ro». (Auto da Sibila Cassandra, Cena II).

«Ru, ru, menina, ru, ru,
mouram as velhas e fiques tu,
c'o a tranca no cu». (Auto de Rubena, Cena II) (28).

Cf. «Su, su, su,
Menino mandu,
Quem te pariu
Que te dê caruru».

«Su, su, su,
Su, menina su,
Quem te pariu
Que te dê caruru».

Su, su, su,
Menino mandu,
Quem te pariu
Que te beije no cu. (29).

Considerando-se a semelhança de traços formais básicos dos versos cantados em África e Bahia com os versos de Gil Vicente, apesar das marcas sensíveis de transformações regionais, evidentes sobretudo pela presença no texto dos «brasileirismos» **mandu** e **caruru** (30), é possível que o «Menino mandu» seja variante de acalanto já arcaico para cá trazido pelos portugueses e do qual se guardou lembrança na Bahia, onde ainda hoje continua a ser cantado.

O **su** do verso «Su, su, su», que se ouve ainda sob as formas «Su, ru, ru» ou «Su, lu, lu» (31) e «Tu, ru, ru», esta aliás também encontrada em Gil Vicente (32), pode tratar-se de uma simples modificação foneticamente explicável do **ru**, mas que, além disso, parece ter sofrido alguma influência regional paralela, como tentaremos demonstrar em seguida.

«Tia» Romana, a nossa informante de Recife, não cantou o «Menino mandu». No entanto, lhe ocorreu o «Boi, boi da cara preta» e um outro acalanto, de notada **influência africana**, cujo verso inicial, embora apresente nasalização, é o mesmo «Su, su, su».

«Sum, sum, sum,
Dorme, dorme, que vem tutu,
Lá no mato tem um bichinho
Que se chama cururu» (Parte III, à margem).

O único exemplo, porém, de nasalização do **su** que pudemos registrar nos foi dado por Renato Almeida sob a forma **xum** num acalanto recolhido na **Bahia** e considerado por êle como de **origem africana**, para o qual uma variante corrente em Minas Gerais conserva o verso «Ru, ru, ru» em lugar do «Xum, xum, xum» documentado na versão baiana.

Cf. «João curutú
de traz do murundú
comei êste menino
c'um bolo de angú.
Xum xum xum xum xum etc.» (Bahia) (33).

«João Curutu
Atrás do murundu,
Toma êste menino
Papa com angu...
Ru, ru, ru, ru,
Ru, ru, ru, ru,
De trás do murundu...
Teu pai e tua mãe
Não têm medo do tutu». (Minas Gerais) (34).

Tememos assim que a forma **su**, além de ser característica dos acalantos (35), de preferência na Bahia, onde provavelmente se alternava com **sum** ou **xum**, se fez mais popular do que o **ru** galaico-português, vindo, por fim, a incorporar-se definitivamente no «Menino mandu», no verso inicial.

Situando-se agora a pesquisa dentro de um plano de ordem psicológica, como de resto aconselha Renato Almeida para pesquisas dessa natureza na música popular do Brasil (36), vamos encontrar em *Casa-Grande e Senzala*, no capítulo sôbre a influência que a mãe-preta africana exerceu na formação e educação da criança brasileira, um argumento definitivo:

«Também as canções de berço portuguesas, modificou-as a bôca da ama negra, alterando nelas palavras; adaptando-as às condições regionais; ligando-as às crenças dos índios e às suas. Assim a velha canção «escuta, escuta, menino» aqui amoleceu-se em «durma, durma, meu filhinho», passando Belém de «fonte» portuguesa, a «riacho» brasileiro. Riacho de engenho. Riacho com mãe-d'água dentro, em vez de moura encantada. O riacho onde se lava o timãozinho do nenê. E o mato ficou povoado por «um bicho chamado carrapatu». E em vez do papão ou da côca, começaram a rondar o telhado ou o copiar das casas-grandes, atrás dos meninos malcriados que gritavam de noite nas rêdes ou dos trelosos que iam se lambuzar de gelêia de araçá, guardada na despensa — cabras-cabriolas, o boitatá, negros de surrão, negros velhos, papa-figos» (37).

Assim sendo, os traços marcantes de influência regional em nossos acalantos devemos à sensibilidade da mãe-preta africana que, não só chegou a alterar nêles palavras portuguesas, como até mesmo a substituir aquelas sem expressão para ela por outras de sua própria língua, cujo efeito significativo, harmonioso e sonoro lhe facilitaria mais ainda a tarefa de fazer o «ioiôzinho» adormecer.

Cf. «Nana, nana, meu menino,
Que a Mãezinha logo vem!
Foi lavar os teus paninhos
Ao reguinho de Belém» (Portugal) (38).

«Cala a bôca, meu menino,
Mamãezinha logo vem;
Foi lavar os teus paninhos
Lá no rio de Belém» (Natal) (39).

«Sú, sú, sú,
Calla a bocca meu filhinho,
Sua mãe
Foi na fonte logo vem
Foi buscar
Panellinha de vintem
Bacalháu
Com azeite sabe bem» (Bahia) (40).

«Sú... Sú... Sú...
Menino o que tem?
Papai foi p'ra loja,
Mamãe logo vem.

Sú... Sú... Sú...
Menino o que tem?
Papai foi p'ra feira
Comprar panela de vintém». (Bahia). (41).

Acrescentando-se a isso a indiscutível influência africana na música popular brasileira, o SUM, com a vogal nasalizada que se encontra na variante de Romana, tão ciosa de falar «brasileiro» certo, e a forma XUM, registada naquele acalanto de «origem africana», lembra-nos o verbo SÛN do Iorubá que quer dizer DORMIR (42), verbo êste, se não presente, mas sempre insinuando nas cantigas de ninar de todo o mundo.

Nota-se, ademais, que o primeiro verso da quadra cantada por «Tia» Romana foge completamente à harmonia rítmica do conjunto, talvez por ter sido um improviso em substituição aos versos do tipo «dorme, dorme, meu filhinho» ou «cala a bôca, meu filhinho», já por sua vez variantes brasileiras do «nana, nana, meu menino» ou «escuta, escuta, meu menino» das cantigas de berço portuguesas, improviso êsse levado possivelmente pela correspondência SÛN-DORMIR, particularmente sugerida naquela quadra pela repetição sucessiva do «dorme».

Cf. «Dorme, dorme, filhinho,
Dorme, anjinho inocente,
Dorme, meu queridinho,
Que tua mãe vela contente» (Bahia) (43).

«Dorme, dorme, meu filhinho,
E' noite papai já veio,
A maninha também dorme
Reclinada no meu seio» (Minas Gerais) (44).

«Dorme, meu menino,
Tutu quer te comer,
Mas a mamãe não deixa
Te há de defender» (Minas Gerais) (45).

«Dorme, nenê,
Que o bicho aí vem,
Papai foi na roça
E mamãe também» (São Paulo) (46).

«Sum, sum, sum,
Dorme, dorme, que vem tutu,
Lá no mato tem um bichinho
Que se chama cururu» (Romana).

O **su** neste caso poderá ser mais outra contribuição léxica africana à música popular brasileira, resultado do paralelismo estabelecido entre o ru das cantigas de berço para cá trazidas pelos portugueses e o verbo **sùn** do Iorubá. Sua unidade fonética significativa basta por si mesma para exprimir uma onomatopéia que é ao mesmo tempo um sussurro, um pedido de silêncio e a sugestão implícita de **dormir** (47).

Pode tratar-se de mera coincidência, mas não será um despropósito se considerarmos o fato de ser o verso «Su, su, su» corrente até hoje na Bahia, lugar para onde foram importados a maioria dos escravos nagôs, como ali são chamados os Iorubás (48), durante os últimos séculos de tráfico, ao lado de terem sido os mais cotados nos «mercados» principalmente para os trabalhos domésticos (49). A sua atuação foi tão marcante na formação de hábitos da família bajana que a saborosa cozinha tradicional da Bahia é essencialmente a mesma encontrada em África, na antiga Costa dos Escravos, sem falar-se no sincretismo religioso e na linguagem popular da Bahia, rica de vocábulos de evidente procedência nagô (50).

3 — A versão do jôgo infantil CABRA-CEGA (pergunta n. 2029, parte III) ocorreu assim:

- « — Cabra-cega, de onde vem?
- Do sertão.
- Traz ouro ou requeijão?
- Requeijão.
- Cabra-cega, não me nega,
tua mãe pariu pro cego».

Esta exata versão não se encontrou documentada. A que mais se aproxima é a registada por Clodomir Silva, em *Minha Terra* (Rio de Janeiro, 1926, pág. 8).

«Cabra-cega,
Non me nega;
Donde vem?
Do sertão!
Trais ôro, prata ou requeijão?
Trago ôro.
Pois rode, como besôro».

A primeira parte da versão dada pelas informantes é uma simples variante dêste jôgo infantil corrente ainda hoje pelo Brasil. No entanto, a parte final, aquela que incita a criança, a «cabra-cega», a procurar as companheiras de brinquedo, às apalpa-delas, com os olhos vendados, parece-nos ter sido banida do uso urbano, talvez corrigida pela escola a fim de afastar o sentido grosseiro da expressão final. Se, contudo, é ainda corrente no interior, em zonas onde as crianças não têm o corretivo permanente da escola, só pesquisas no campo poderão responder.

Ficam, pois, as indagações.

Resta-nos esperar que esta notícia possa atrair a atenção dos estudiosos de Cultura Brasileira para pesquisas dessa natureza em África, e, acima de tudo, mostrar a importância da Comunidade Brasileira de Lagos como fonte válida de informações para o Folclore e a Dialectologia Brasileira, em particular, que merece ser tratada não como assunto de simples curiosidade jornalística, mas como documento ainda vivo do Brasil passado.

NOTAS

- 1) A atual República da Nigéria, na África Ocidental, na época da nossa pesquisa possuía três outras universidades além da de Ifé, instaladas nas cidades de Ibadan, Zaria e Nsukka. Os Profs. Vivaldo Costa Lima e Guilherme de Souza Castro, ambos da Universidade da Bahia, foram os únicos leitores brasileiros, até quando de lá saímos, em junho de 1963, a lecionar Português em universidades nigerianas, o que não chegou a influenciar a Língua Portuguesa falada pelos "brasileiros" desde quando Ibadan, cidade onde se exerceram os leitorados, dista 150 km de Lagos. Além disso, a Universidade de Lagos, embora naquela época já houvesse sido oficialmente criada, não possuía ainda uma "Faculty of Arts", onde poderia haver um leitorado de língua. Afastemos, portanto, a possível influência que teria trazido o ensino da nossa língua aos "brasileiros".
- 2) V. Gilberto Freyre, "Acontece que são baianos...", in *Problemas Brasileiros de Antropologia*, José Olympio Editôra, Rio de Janeiro, 1962, pág. 236 e passim; Pierre Verger, *Influence du Brésil au Golfe du Bénin*, in "Mémoires de L'Institut Français d'Afrique Noire". Dakar, 1953, n. 27; A.B. Laotan, *The Torch Bearers*, Lagos, 1943.
- 3) Op. cit., pág. 268.
- 4) V. M. C. English, *An Outline of Nigerian History*, Longmans, Londres, 1960, pág. 127; Pierre Verger, "Nigeria, Brazil and Cuba", in *Nigeria Magazine*, número especial em comemoração à Independência, outubro, 1960; Gilberto Freyre, op. cit., pág. 277.
- 5) Após a instalação da Embaixada Brasileira na Nigéria, em agosto de 1962, oito meses após a nossa chegada a Lagos, achamos por bem

suspender as pesquisas do vocabulário e da pronúncia, devido à proximidade e consequentemente influências recentes e externas de brasileiros recém-chegados que logo entraram em contato com os membros da "Brazilian Community", pois o nosso objetivo principal era recolher o que aquela gente guardava do Brasil antigo, de quando se foram.

- 6) Cf. Serafim da Silva Neto, *Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa no Brasil*, Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, 1963, pág. 209.
- 7) Notícias dessa viagem estão nos jornais nigerianos da época (V. *The Lagos Standard* de agosto de 1889) e em Nina Rodrigues, (*Os Africanos do Brasil*, Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1932, pág. 153).
- 8) "Aliás é esta a nossa grande carência: falta de pesquisas. Para a linguagem do interior temos alguma coisa, embora muito pouca e muito imperfeita, mas para o linguajar da costa nada" (*A Língua do Brasil*, Livraria Agir Editora, Rio de Janeiro, 1943, pág. 75).
- 9) No Baixo-Daomé (Pôrto Novo, Cotonu e Uidá), como tivemos oportunidade de verificar, e em Acra, Capital de Gana, em meio à comunidade brasileira conhecida com o nome de *tabons*.
- 10) Dêste esboço resultou o Questionário aplicado nas pesquisas para o *Atlas Prévio dos Falares Baianos*, publicado o ano passado.
- 11) O sistema de transcrição empregado é fundamentalmente o mesmo do Sistema de Transcrição Fonética Internacional.
- 12) Os 150 km a nos separarem de Lagos e a falta de ajuda financeira foram as razões que nos impediram de aumentar o número de informantes.
- 13) *Agudá* é o nome por que são conhecidos na Nigéria os brasileiros e os católicos. "Aguda: (a) Catholics. (b) Portuguese. (c) Brazilians (i. e., African returned from slavery in Brazil)" (R. C. Abraham, *Dictionary of Modern Yoruba*, University of London Press, Londres, 1958, s/v. *aguda*).
- 14) V. Guilherme de Souza Castro, *Um Documento Sugestivo*, in *Jornal da Bahia*, Salvador, Bahia, 23 de dezembro de 1962.
- 15) "The Brazilians were Catholics. In Brazil, apart from providing farm-hands, many of them had been taught carpentry, building construction, smithing and diverse other crafts. The artisan class was strongly represented amongst them. It is to them that Lagos owed the strong Brazilian influence in its architecture — an influence which not only has spread over most of Nigeria but which had also remained dominant until quite recently" (Akin Mabogunje, "Lagos, Nigeria Melting Pot", in *Nigeria Magazine*, agosto de 1961, n. 69).
- 16) "Tia" Romana nunca vestiu trajes nativos africanos. Era brasileira! No entanto, na visita que fez ao Brasil em 1963, a conselho, como ela mesma nos confessou, veio de "buba", "lapa" e "gele". (Cf. *O Cruzeiro* de 8-6-63). Mariana Ojelabi, ao contrário, mais humilde, mais pobre, passaria sem dúvida por uma nigeriana autêntica.
- 17) V. Nina Rodrigues, op. cit., pág. 153.
- 18) Foram consultados os dicionários de Moraes, Aulete, Figueiredo, além do *Pequeno Dicionário da Língua Portuguesa* e o *Dicionário de Sínônimos e Locuções* de Agenor Costa, pb. pela B.L.B.
- 19) *Vocabulário Português e Latino* do padre Rafael Bluteau, publicado no *Colegio das Artes da Companhia de Jesus*, no ano de 1712, em Coimbra.
- 20) "Quase todos os africanos "brasileiros" voltaram à África da Bahia. As vezes de outros pontos do Brasil mas "via Bahia". Abaianados, portanto. Amaciados, urbanizados, polidos pela Bahia" (Gilberto Freyre, *Problemas Brasileiros de Antropologia*, op. cit., pág. 269).
- 21) "Quanto menor é o grupo, e mais isolado, maiores e mais íntimas são as relações pessoais e, portanto, interpenetração — o que redundava num conservantismo maior" (Serafim da Silva Neto, op. cit., pág. 212).

- 22) Nelson Rossi, *Aspectos do Léxico Regional da Bahia*, Comunicação ao IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, Salvador, Bahia, 1959.
- 23) "Estou que a nossa língua rústica, falando-se de um modo geral, é substancialmente o português arcaico, deformado, ou se quiserem, transformado em certo aspecto da morfologia e em alguns da fonética pela atuação dos índios e dos negros. Um substrato constituído pela língua arcaica, estabelecido por grande contingente de Portugueses vindos de várias regiões de Portugal indistintamente, com predomínio talvez dos do Norte, e um superestrato constituído por alterações desse fundo português, determinado pelo grande número de silvícolas e principalmente africanos que entraram a falar a língua românica" (Gladstone Chaves de Melo, *A Língua do Brasil*, op. cit., págs. 73 e 74).
- 24) Cf. Herundino da Costa Leal, *História de Santo Amaro*, Imprensa Oficial da Bahia, Salvador, Bahia, 1965, pág. 88. A cidade de Santo Amaro, que muita influência sofreu de culturas africanas, fica situada na zona do Recôncavo baiano e deve o seu progresso nos séculos passados à cultura da cana-de-açúcar, ao trabalho escravo nos engenhos e alambiques.
- 25) Cf. "Complementação ao Trabalho A História do Homem que comeu o Diabo", comunicação ao III Congresso Brasileiro de Folclore, Salvador, Bahia, 1957. Da quadra, só o segundo verso varia: "Su, menino assu", a forma assu evidentemente por su, pelo fato de a autora, como ela mesma nos confessou, ter ouvido quando criança: "Su, menina su". V. ainda E. Neto, *Os Magros*, Livraria Progresso Editora, Salvador, Bahia, 1961, pág. 36: "Suru... ru... ru/ menino mandu...". Infelizmente não estão transcritos os versos finais.
- 26) Não registam: Sílvia Romero (*Cantos Populares do Brasil*, Livraria Francisco Alves, Rio, 1897, 2a. edição), Verissimo de Melo (*Acalantos*, Edição da Revista Clã, s/d), Lindolfo Gomes (*Cantos Populares Brasileiros*, Edições Melhoramentos, São Paulo, 1948), Florestan Fernandes (*Folclore e Mudança Social na Cidade de São Paulo*, Editora Anhembi S.A., São Paulo, 1961), Amadeu Amaral (*Tradições Populares*, Instituto Progresso Editorial, São Paulo, 1948), João Dornas Filho (*Capítulos de Sociologia Brasileira*, Organização Simões, Rio, 1945), Brasil Bandecchi (*Romanceiro Paulista*, Editora Obelisco, São Paulo, 1962), Alceu Maynard de Araújo (*Danças, Recreações e Música*, in *Folclore Nacional*, Edições Melhoramentos, São Paulo, 1964, vol. II).
- 27) Luís da Câmara Cascudo, Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, 1962.
- 28) In Gil Vicente — *Obras Completas*, Edições Cultura, São Paulo, 1946, págs. 68 e 365, Tomo I.
- 29) Essa quadra que conhecemos desde criança vem geralmente seguida desta outra:

Este menino é do céu
 Não se cria,
 Tem um buraco no cu
 Que assovia.

Hildegardes Vianna (Op. cit.) traz as seguintes variantes para o último verso: "no umbigo que assovia" e "em baixo, no c... que assovia". E J. Teixeira Bastos (*Folclore Brasileiro*, Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, 1925, n. 51, 2.º semestre, pág. 130):

"Este menino
 Quer se criar
 Os anjos do céu
 Que lhe venham buscar (ninar)".

- 30) Caruru é um prato tradicional da cozinha da Bahia; o mesmo OBE ILA (sopa de quiabo) dos Iorubás (Cf. Abraham, *Dictionary of Modern Yoruba*, op. cit., s/v.). Mandu ou madu era um dos figurantes do "Reisado do Zé do Vale", antigamente popular na Bahia (Cf. Mello Moraes Filho, *Festas e Tradições Populares do Brasil*, F. Briguiet e Cia. — Editôres, Rio, 1946, pág. 209). Na Bahia, além de tolo, mandu é muito freqüente com o significado de "trabalho ou incumbência que encerram complicações ou podem causar efeitos desastrosos", e.g. — "Que mandu vocês me arranjaram!". No entanto não se acha averbado nesta accepção em Aulete, Moraes, Figueiredo, Agenor Costa (*Dicionário de Sinônimos e Locuções*, B.L.B., 2a. ed.) e no *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. Só Arthur Neiva em *Estudos da Língua Nacional* (Cia. Ed. Nacional, S. Paulo, 1940, pág. 109) regista: "... na Bahia, tem ainda a accepção de uma dificuldade em que o indivíduo se mete". Trata-se de linguagem coloquial baiana de que falaremos em outra oportunidade.
- 31) Cf. E. Neto, *Os Magros* (já citado). A alternância r/l é muito freqüente no Brasil e perfeitamente explicável. (Cf. J. Mattoso Câmara Jr., *Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa*, Organização Simões, Rio, 1953, pág. 105; Antenor Nascentes, *O Linguajar Carioca*, Organizações Simões, Rio, 1953, pág. 46 e passim; Mário Marroquim, *A Língua do Nordeste*, Cia. Ed. Nacional, S. Paulo, 1945, pág. 83 e passim).
- 32) "— Tu-ru-ru-ru-lá. Quién la passará?" / "— Tu-ru-ru-ru-rú. No la passes tú" / "— Tu-ru-ru-ru-ré. Yo la passaré". (In *Poesia de la Edad Media*, Dámaso Alonso, Ed. Losada, B. Aires, 1942, pág. 344). Na Bahia conhecemos: Tu, ru, ru, / Menino mandu, / Cabeça de gato, / Nariz de peru. H. Leal (Op. cit., pág. 88): "cara de pato, / nariz de peru". H. Vianna (Op. cit.): "ôlho de gatinho, / narizinho de peru". E mais cara de gato e cara de bode.
- 33) Renato Almeida, *História da Música Brasileira*; F. Briguiet e Cia. Editôres, Rio, 1942, 2a. edição, págs. 106 e 107.
- 34) Lindolfo Gomes, *Contos Populares Brasileiros*, op. cit., pág. 219.
- 35) Em Minas, João Dornas Filho (*Capítulos de Sociologia Brasileira*, op. cit., pág. 126) regista "Su, su", mas não "Su, su, su", numa cantiga tornada acalanto — o "Bango-balango" — que no *Dicionário do Folclore Brasileiro* (Op. cit.) se acha s/v. parlenda. O mesmo documentou Florestan Fernandes para São Paulo (*V. Folclore e Mudança Social*, op. cit., pág. 58). A forma su possivelmente foi levada da Bahia para Minas, como se pode ver de um acalanto, sem dúvida nenhuma variante do "Menino mancu", que ali se canta: "Lú, lú, lú / Pé de malungú, / Pato, marreco, / Galinha; perú. / Caruru arrenegado, / Tôda noite me tentou, / Quando foi de madrugada, / Caruru arreventou. / Ai-u, ai-ú; ai-u. / Pato, marreco, galinha, perú" (João Dornas Filho, op. cit., pág. 130 e 131). Observar caruru por cururu. Em Sergipe, segundo informação do Prof. Salvador de Avila, se canta: "Dum, dum, dum, / Menino quando, / Cara de gato, / Nariz de peru".
- 36) Op. cit., pág. 10.
- 37) Gilberto Freyre, *Casa-Grande e Senzala*, Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1964, págs. 455 e 456, vol. II.
- 38) Fernando de Castro Pires de Lima, *Cancioneiro*, Gabinete de Etnografia, Pôrto, 1926, pág. 50.
- 39) Verissimo de Melo, *Acalantos*, op. cit., pág. 10.
- 40) Guilherme Theodoro Pereira de Mello, *A Música no Brasil desde os Tempos Coloniais até o Primeiro Decênio da República*, Typographia de São Joaquim, Salvador, Bahia, 1908, pág. 91. Esta, por sinal, a mais antiga fonte que documenta o "Su, su, su".
- 41) Herundino Leal, *História de Santo Amaro*, op. cit., pág. 82.

- 42) Cf. Rev. Samuel Crowther, *A Vocabulary of the Yoruba Language*, Londres, 1852 e R. C. Abraham, *Dictionary of Modern Yoruba*, op. cit., s/v. sun. Como o Iorubá é uma língua tonal, observar o tom grave ou baixo na palavra, representado pelo acento grave (`). Além disso, se a palatalização (xum) não se passou já no Português, pode-se tratar de uma pronúncia dialetal do sun em Iorubá, fato corrente, pela simples razão de existir na língua um fonema intermediário entre a fricativa alveolar (s) e a fricativa palatoalveolar (x) que se pode chamar de fricativa alveolar palatal. Cf. osun e oxun, isu e ixu. (V. D. Westermann e Ida C. Ward, *Practical Phonetics for Students of African Languages*, publicado para o International African Institute pela Oxford University Press, Londres, 1957, pág. 82).
- 43) Herundino Leal, *História de Santo Amaro*, op. cit., pág. 82. Brasil Bandecchi (*Romanceiro Paulista*, op. cit., pág. 15) traz a seguinte variante para os versos finais: "Dorme, ó queridinho, / Que a mãe está contente".
- 44) Lindolfo Gomes, *Contos Populares Brasileiro*, op. cit., pág. 221.
- 45) Id., *ib.*, pág. 221.
- 46) Florestan Fernandes, *Folclore e Mudança Social na Cidade de São Paulo*, op. cit., pág. 259. Desta quadra há uma série de variantes por todo o Brasil.
- 47) "Forma rudimentar do canto, letra normalmente com um ritornelo onomatopaico, para ajudar a bolandas, o embalo e facilitar o sono teimoso das crianças, a constante nos acalantos é a monotonia melódica, a frase longa e chorosa, provocadora do enfado e do cair das pálpebras"; (Veríssimo de Melo, *Acalantos*, op. cit., pág. 10).
- 48) Nagô ou Anagô é a designação por que são conhecidos os Iorubás no Daomé.
- 49) V. Nina Rodrigues, *Os Africanos no Brasil*, op. cit., pág. 159; Arthur Ramos, *O Negro na Civilização Brasileira*, Livraria da Casa do Estudante do Brasil, Rio de Janeiro, 1956, pág. 30; Luiz Viana Filho, *O Negro na Bahia*, Livraria José Olympio Editôra, Rio de Janeiro, 1946.
- 50) V. Manuel Querino, *A Arte Culinária na Bahia*, Livraria Progresso Editôra, Salvador, Bahia, 1957; Manuel Querino, *A Raça Africana e os Seus Costumes*, Livraria Progresso Editôra, Salvador, Bahia, 1955; Edison Carneiro, *A Linguagem Popular da Bahia*, Rio de Janeiro, 1951.

SOME INFORMATION ABOUT A RESEARCH EN AFRICA

This article is the result of a one year linguistics research (1962-63) amongst the members of the so-called Brazilian Community of Lagos, Nigeria, West Africa. After justifying the fact that the Brazilian Portuguese spoken in West Africa has been kept unchangeable for almost one hundred years, the author takes out of the 2983 answered questions, got through a Linguistics Questionnaire in Portuguese language, three of these answers in an attempt to show the importance of such studies for the Brazilian Culture throughout West Africa countries, where Brazilian Portuguese is still spoken by African-Brazilian descendants. The first examples, "fistula" (fistula) and "caranguejo" (crab) meaning "cicatriz" (scar), come to testify the fact that the colloquial Portuguese as spoken in Bahia (Brazil) is an archaic one, for both these meanings, very frequent in Bahia, are not found enlisted in the Portuguese Dictionaries but only in the oldest one of them — Bluteau (pb. 1712). Next comes a lullaby from clear Portuguese origin but with remarkable African influence. Finally a children play — "the blind-goat" — whose final part has been completely forgotten in Brazil.

QUELQUES INFORMATIONS SUR UNE RECHERCHE EN AFRIQUE

Cet article est la suite de la recherche linguistique d'une année (1962-63) parmi les membres de la surnommée Communauté Brésilienne de Lagos, Nigeria, Afrique Occidentale. Après avoir justifié de fait que le portugais brésilien parlé à l'Afrique Occidentale a été conservé inchangeable il-y-a presque une centaine d'années, l'auteur prend, parmi les 2983 questions qui ont été répondues, au moyen d'un questionnaire linguistique en portugais, trois parmi ces réponses, en essayant de montrer l'importance de telles études pour la Culture brésilienne à travers les pays de l'Afrique Occidentale, où les descendants afro-brésiliens encore parlent le portugais brésilien. Le premier exemple, "fistula" (fistule) et "caranguejo" (crabe) signifiant "cicatriz" (cicatrice) vient confirmer le fait que le portugais familier parlé à Bahia (Brésil) est archaïque, car les deux sens, très fréquents à Bahia, n'ont pas été trouvés écrits dans les dictionnaires portugais mais seulement dans le plus ancien d'eux — Bluteau (p. 1712). Il-y-a aussi une berceuse d'origine portugaise mais avec une remarquable influence africaine. Enfin un jeu d'enfants — "cache-cache" — dont la partie finale a été entièrement oubliée au Brésil.